

33. Waiselfisz JJ (2015). *Mapa da violência: mortes matadas por arma de fogo. 2015*. Brasília: FLACSO. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br>
34. Waiselfisz JJ (2016). *Mapa da violência: Homicídio por armas de fogo no Brasil*. Brasília: FLACSO. Disponível em <http://www.mapadaviolencia.org.br>
35. Waiselfisz JB, Maciel M (2003). *Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do Programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco*. Brasília: UNESCO.
36. Zaluar A, Leal MC (2001). Violência extra e intramuros. *Rev Bras Ciênc Soc* 16(45) 145-164.

AUTORES:

Maria Altimira Hackerott ¹
Ana Cristina Zimmermann ¹
Soraia Chung Saura ¹

¹ Departamento de Pedagogia
do Movimento do Corpo Humano
Escola de Educação Física e Esporte
Universidade de São Paulo, Brasil

<https://doi.org/10.5628/rpcd.17.02.65>

**Elementos do tradicional
na vela esportiva****PALAVRAS CHAVE:**

Vela. Jogos tradicionais.
Experiência. Lazer.

SUBMISSÃO: 29 de Agosto de 2017
ACEITAÇÃO: 30 de Setembro de 2017

RESUMO

Este artigo pretende explorar elementos da vela esportiva que muito se assemelham com fundamentos presentes no universo dos jogos tradicionais, tais como: a transmissão do conhecimento de geração em geração, a relação com a natureza e a repetição da prática. A pesquisa que originou este artigo tem caráter fenomenológico e situa-se na área da antropologia do imaginário. A perspectiva de análise está voltada para a experiência vivida pelos esportistas e a metodologia considera principalmente as recorrências do discurso dos velejadores, quando indagados sobre a experiência de velejar. A descrição do fenômeno parte de relatos, conversas e da inserção no mundo dos velejadores, caracterizado pelo espaço do treino, da competição e da confraternização. Busca-se assim, pontuar os elementos recorrentes, descrevê-los e analisá-los apontando suas relações com o tradicional e os traços que parecem transcender a experiência individual, revelando-se como experiência humana.

Correspondência: Maria Altimira Hackerott. Av. Prof. Mello Moraes, 65 Butantã 05508-900 — São Paulo, SP – Brasil (mhackerott@gmail.com)

Elements from the traditional in sport sailing

ABSTRACT

This article aims to explore elements from sailing as a sport and elements from traditional games, being widely open as: the knowledge passed by generation from generation, the relationship with nature and the practice. This research has a phenomenological character and can be found in the chest of the anthropology of the imaginary. Therefore, it has been directed to the life experienced by this athletes and enthusiasts in a way that the narrative comes from their stories, interviews and from an inside view of the sailing world, distinguished by their training, brotherhood and competition. Analyze, describe and inquire these elements from sailing and bonding them with the traditional and its traces that by the end looks like it transcends the individual experience, revealing itself as a human experience.

KEY WORDS:

Sailing. Traditional games.
Experience. Leisure.

INTRODUÇÃO

A vela é um esporte que tem se desenvolvido com características que tangem tanto a categoria de esporte institucional quanto a de esporte tradicional. Parlebás⁽¹³⁾ explora esta possibilidade ao considerar que há alguns esportes que se encontram, ao mesmo tempo nas duas categorias. Para este autor, os esportes institucionalizados são aqueles ligados a alguma instituição que os rege mundialmente com calendário, comitês diretivos, regulamentos e juízes; e os esportes tradicionais têm caráter regional, não são vinculados a uma instituição, estão ligados à tradição de uma cultura e suas regras são mais flexíveis de acordo com o espaço e os interesses dos jogadores. Por sua vez, os esportes que atendem às duas categorias são aqueles que têm a possibilidade de vínculo institucional, mas a maioria de seus praticantes optam por não se associar à instituição, como é o caso da vela, esqui, trekking, surfe, voo livre, entre outros.

A vela se encaixa nesta categorização quando considerada no seu sentido amplo, como navegação. São muitos os velejadores que fazem expedições e passeios, sem interesse algum em se vincular às instituições que regem a vela esportiva.

Por outro lado, mesmo a vela esportiva, altamente institucionalizada, possui características típicas dos jogos tradicionais. Portanto, para analisar a vela, faz-se necessário ultrapassar as categorias propostas por Parlebás⁽¹³⁾ e atentar para o fenômeno em si mesmo, dando maior atenção à experiência de seus praticantes. Por meio da observação e vivência deste esporte é possível identificar elementos comuns aos jogos tradicionais, tais como: a transmissão do conhecimento de geração em geração, a relação com a natureza e a constância da prática.

O caráter regional é indicado como uma importante característica dos jogos tradicionais segundo a UNESCO⁽¹⁸⁾. No mesmo sentido, Marin e Stein⁽⁸⁾ enfatizam que os jogos tradicionais são característicos de um espaço e um tempo específicos. Desta forma, é possível pensar a regionalidade como um elemento exemplar dos jogos tradicionais, os quais dependem de como seus praticantes se propõem a jogar, de como seus praticantes se relacionam com o mundo, isto é, resultam de uma mistura das tensões entre as pulsões do jogador (desejos, aspirações, receios, terrores) e os meios cósmicos e sociais¹. De acordo com Santos e Hammerschmidt⁽¹⁵⁾, esta relação é uma organização recursiva, na qual os efeitos e produtos são necessários para a própria causação e produção. Ou seja, trata-se

¹ Estes conceitos foram apropriados da ideia de trajeto antropológico proposta por Gilbert Durand (3), definido como "incessante intercâmbio que existe, no nível do imaginário, entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas emanando do meio cósmico e social" (3, p.41). Considera-se aqui que a relação do homem com o mundo presente nos jogos possui esta estrutura de nível imaginário. Por sua vez, entende-se imaginário como "o conjunto de imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano" (5, p.38), criações essas como o jogo e o esporte.

de uma relação complexa – conforme termo cunhado por Morin ⁽¹²⁾ – em que as pulsões, o meio cósmico e o social interagem e indicam como cada pessoa e grupo faz seu jogo. Para compreender como os jogos se configuram em cada contexto, mais do que classificá-los, é preciso se aprofundar na experiência do jogo.

No caso da vela esportiva, a transmissão do conhecimento de geração em geração, a relação com a natureza e a repetição da prática são exemplarmente elementos do caráter regional e foram identificados nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Constituem o meio cósmico, a textura da água, a intensidade do vento, a umidade e o relevo da costa, ou o infinito do mar aberto. O clube, as classes de barcos, os tipos de regatas, a forma de aprendizado, o tempo dos treinos e a idade adequada para velejar, são elementos do meio social. O velejador esportivo, que escolhe ir para o meio da água apostar corridas com seus pares, é moldado e molda o seu entorno, ou seja, tanto modifica os meios cósmicos e sociais quanto é modificado por eles.

Neste artigo, busca-se descrever estas relações entre o velejador esportivo e o entorno, a fim de analisá-las explorando seus traços tradicionais. Portanto, a partir da descrição minuciosa de experiências particulares pretende-se olhar para os elementos que parecem ser essenciais, aqueles que extrapolam a experiência individual e parecem corresponder à experiência da humanidade, universal ².

MÉTODO

Visando descrever a experiência vivida por velejadores, optou-se por uma pesquisa de caráter fenomenológico, que se caracteriza por ser descritiva, com análise indutiva dos dados, onde o significado é de importância vital, conforme aponta Bogdan e e Biklen ⁽²⁾. A fenomenologia, em especial, busca resgatar o lugar da experiência na construção do sentido, reconhecendo o corpo como originário do contato efetivo com o mundo.

Em concordância com o referencial teórico, para a imersão no universo de estudo foi feita uma pesquisa de campo no período de dezembro de 2016 a fevereiro de 2017, na represa Guarapiranga, local em que se pratica a vela esportiva na cidade de São Paulo/Brasil. As entrevistas respeitaram todos os procedimentos éticos do Comitê de Ética da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Em campo, foram observados os treinos de velejadores de dois clubes tradicionais realizados aos finais de semana e um campeonato nacional que ocorreu em um desses clubes, durante cinco dias. Assim, o “campo” da pesquisa variou entre a água e a terra, fator importante, já apontado por Rojo ^(14, p.9):

²O termo universal é empregado no sentido utilizado por Merleau-Ponty (11), como o espaço comum entre todos os seres humanos. Conforme o autor, tal espaço emerge do seio da função simbólica, entendendo-a como fonte de toda razão e irrazão. Portanto, trata-se de um universal encontrado na experiência com o mundo e não nas abstrações e racionalizações.

Fazer trabalho de campo “no mar”, desta forma, é mais do que um artifício literário para ilustrar o locus no qual a minha pesquisa se desenvolve. É uma forma de explicitar uma determinada perspectiva metodológica que entende que o “ponto de vista nativo”, neste caso, não pode ser alcançado olhando para eles da confortável posição “na terra”, esperando o final de cada treino ou regata para realizar entrevistas ou para observar.

A pesquisa de campo na água foi facilitada pelo fato de uma das pesquisadoras ser velejadora desde os 6 anos de idade. Tal experiência prévia na modalidade foi considerada, contribuindo na análise com alguns elementos observados em outros momentos que não nesta pesquisa de campo. Na água, foram observados os movimentos e as sensibilidades que a navegação à vela proporciona, além das relações interpessoais que se dão tanto no momento de competição quanto no de treino.

Além do olhar atento para os lugares, os movimentos e as dinâmicas sociais, foram entrevistados três velejadores com idades entre 50 e 66 anos. Estes velejadores foram convidados a participar da pesquisa pela experiência com o esporte, sendo que cada um deles tem mais de 30 anos de prática e continua velejando. O reduzido número de colaboradores deve-se à busca pelo aprofundamento qualitativo dos relatos. As entrevistas foram semi-estruturadas, de modo a incentivar o devaneio e a conversa com suspensões de assuntos que foram retomados posteriormente conforme a vontade do entrevistado ou estímulo da entrevistadora. Três questões orientaram as conversas: como aprenderam a velejar? qual a relação com a natureza enquanto velejam? e com que frequência costumam velejar? Com estas diretrizes os entrevistados foram incentivados a descrever suas experiências. Sucedeu-se então, conversas de velejador para velejador, tendo em vista que os colaboradores conheciam a experiência da entrevistadora na vela. Estas conversas foram registradas em gravação de áudio e posteriormente analisadas no diálogo com a literatura, com a devida autorização prévia para fins de pesquisa.

Conforme Martins e Dichtchekenian ⁽⁹⁾, pela retomada reflexiva da vivência é possível esclarecer modos de comprometimento sujeito-mundo, ou modos do sujeito conviver com a realidade, e, reciprocamente, modos de a realidade se apresentar ao sujeito nestes diferentes âmbitos de convivência. Assim, a compreensão da subjetividade foi metodologicamente relevante por se tratar de um fenômeno de manifestação humana.

Neste sentido, a análise foi feita procurando, a partir das descrições e das observações realizadas nos diferentes espaços e momentos, revelar modos específicos de ser do velejar e seus traços em comum com os jogos tradicionais. Na trajetória de reflexão gerada pela descrição do fenômeno foi possível identificar pontos de convergência entre o velejar e os jogos tradicionais. Estes pontos foram considerados relevantes por indicarem nuances do velejar que fogem às classificações e explicações causais, o que contribui para a compreensão do esporte considerando suas complexidades.

Os pontos de convergência encontrados – e com significativa recorrência – foram relativos à transmissão do conhecimento de geração em geração, à relação com a natureza, e à repetição da prática. Tais temas deram origem à estrutura do texto que buscou aprofundá-los relacionando o fenômeno do velejar com elementos dos jogos tradicionais presentes na literatura. Excertos das entrevistas são apresentados ao longo do texto como ocasião para discussão ampliada. Portanto, na análise o fenômeno foi investigado considerando as pulsões subjetivas e assimiladoras do velejador e as intimações objetivas emanadas do ambiente e das construções sociais. Desta forma, a discussão busca subsídios no referencial da antropologia do imaginário, enfatizando assim os elementos que parecem ultrapassar a experiência individual e expressam a humanidade que nos atravessa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

No estado de São Paulo, as escolas de vela surgiram na represa Guarapiranga nos anos 1980. Antes disso, todos os conhecimentos necessários para velejar eram transmitidos pelo convívio entre velejadores mais experientes e outros menos experientes. Esta prática de convívio e troca de conhecimentos foi muito usada pela classe Pinguim, pois este tipo de barco foi desenvolvido para dois tripulantes leves. Assim, muitas crianças aprenderam a velejar nele e conforme dominavam o barco passaram a participar de regatas. As regatas nessa classe eram bastante concorridas e o barco era difícil de navegar por ter várias regulagens e ser difícil de desvirar.

Os velejadores que aprenderam a velejar desta forma comentam que o aprendizado era intuitivo. Quando eram proeiros, observavam o que o timoneiro fazia e de vez em quando trocavam de função no caminho do clube até a raia. Quando se sentiam confortáveis e confiantes procuravam novas parcerias em que pudessem ser timoneiros. O tempo que cada um levava para se sentir confiante em velejar sozinho (ou sendo timoneiro) costumava ser respeitado. Alguns levavam anos, outros meses e havia aqueles que nunca quiseram experimentar outra função.

Em 1974, a classe Optimist foi introduzida no Brasil. Este barco foi desenvolvido para ser tripulado por uma criança menor de 15 anos e sua estrutura foi pensada para que uma criança pudesse velejar sozinha e de forma segura ⁽¹⁹⁾. Com este barco, muitos pais se organizaram e criaram cursos de vela para que seus filhos aprendessem a velejar no Optimist. Esses cursos costumavam acontecer nas férias escolares e os conhecimentos eram transmitidos sistematicamente por velejadores experientes do clube³ que tinham

³Os clubes foram e são entidades fundamentais para o desenvolvimento do esporte. São tanto ponto de encontro e confraternização, quanto instituição que possibilita o vínculo com a federação estadual.

afinidade com as crianças. O crescimento da classe Optimist coincidiu com a decadência da classe Pinguim. Com o passar dos anos, a iniciação das crianças no esporte passou a ser predominantemente pelo Optimist, através de escolas de vela organizadas pelos clubes.

Atualmente, há na represa Guarapiranga quatro clubes que possuem escola de vela para crianças maiores de 7 anos. Logo que as crianças aprendem os princípios básicos para velejar, elas são introduzidas nas regatas organizadas pela FEVESP (Federação de Vela do Estado de São Paulo) em parceria com a COSP (Classe Optimist São Paulo). A COSP é uma associação formada por pais de optimistas responsável por organizar o calendário da classe e seus eventos. Observa-se que, mesmo com o ensino da vela sendo transferido para pessoas de fora do círculo familiar, as famílias ainda estão muito próximas da organização da competição.

Algumas crianças vivenciam tranquilamente todas as etapas estipuladas pela escola de vela, outras nem tanto. Um dos entrevistados relatou que no início tinha medo:

Meu pai não deixava a gente desistir, eu não me lembro de ter desistido para desafiá-lo e ver o resultado. Me lembro que na época do Optimist, quando tinha regata na raia 3⁴ eu era leve, pequeno, não aguentava o barco. O barco chegava na Ilha dos Amores quase afundando. Eu ia chorando e com frio até a raia, queria muito voltar, mas pensava que não podia voltar. Tinha na cabeça que meu pai estaria esperando (não achava que ia me bater), mas era medo da bronca e respeito pela figura dele. Eu realmente tinha medo do vento forte. (DEPOIMENTO DE VELEJADOR 1)

No decorrer da entrevista, o velejador comentou que hoje agradece ao pai por ter insistido, pois é uma atividade que faz com o maior prazer e que se não fosse a influência do pai, talvez tivesse desistido. Este depoimento é um elemento recorrente e ganha relevância ao ser repetido em outros relatos e identificado na própria experiência da entrevistadora, que também foi iniciada cedo na vela e tem lembranças de medo. Se para um velejador a aderência ao esporte se deu pelo pai, para outro ocorreu pela insistência da mãe:

Certa vez, saí para velejar de Optimist com a minha mãe. Talvez fosse no meio de um dos cursos que fiz, talvez foi por não ter conseguido acompanhar a turma. Lembro de ser sempre a mais nova e provavelmente precisava de um reforço além das aulas. Na velejada com minha mãe tenho nítida a lembrança de muitas ondas provocadas por lanchas. As ondas eram insuportáveis e causavam instabilidade, balançavam o barco conforme sua vontade, não mais como a minha, acabavam com as minhas certezas, me causavam um certo pânico. Ao mesmo tempo olhava para minha mãe, símbolo de proteção, certeza e terra firme, sua voz me tranquilizava, mas a vontade de não estar ali não passava. Mais tarde passou, não naquele dia, só depois de muitas outras velejadas. (DEPOIMENTO DE VELEJADOR 2)

⁴A raia 3 é a raia da Represa de Guarapiranga que fica mais ao Sul. O entrevistado velejava pelo YCSA (Yacht Club de Santo Amaro), que é um dos clubes localizados mais ao norte da represa. Quando o vento vem da direção sul o caminho do YCSA até a raia 3 costuma ser longo e demorado, além do mais o vento sul comumente é um vento frio, um vento de frente fria. A ilha dos Amores citada pelo entrevistado é uma ilha que fica no meio do caminho entre o YCSA e a raia 3.

Pode observar-se que a transmissão de conhecimento e o acolhimento pelos velejadores, sejam eles familiares ou não, continua presente mesmo com o advento das escolas de vela. Nos clubes, crianças e adultos circulam pelos hangares e conversam sobre regulagens, técnicas e táticas. Na água, os treinos das classes adultas costumam ser organizados pelos próprios velejadores e abertos para quem quiser treinar. Velejadores de diferentes níveis técnicos treinam juntos na mesma raia, assim como em terra é comum ver os velejadores compartilhando seus conhecimentos.

O convívio entre velejadores de várias idades atualiza o conceito de família. Surgem vínculos de amizade entre pessoas com idade para serem filhos, pais e avós de seus amigos. O respeito pela idade se alia ao respeito pela experiência e pelo conhecimento técnico. As viagens para campeonatos ou para treinamentos em outras águas fortalecem esses vínculos. Da convivência dos velejadores emerge uma troca de experiência que extrapola os conhecimentos do esporte.

Os conhecimentos da vela esportiva são transmitidos a partir de um aprender junto, elemento exemplar nos jogos tradicionais, segundo Saura ⁽¹⁷⁾. Para ter esta característica presente é preciso que um dado grupo social viva de fato a tradição, é preciso que os elementos da manifestação cultural estejam enraizados para além de um curso sistematizado. A presença dos clubes como espaço familiar e de confraternização para além do esporte garante que o caráter tradicional se faça presente justamente por esta relação entre esporte e comunidade.

A RELAÇÃO COM A NATUREZA

A relação com o ambiente é um dos principais aspectos que caracterizam os esportes tradicionais. Nos esportes ⁵ tradicionais, os espaços são aqueles em que o jogador enxerga a possibilidade de jogo, seja a rua, a várzea, o estacionamento, a praia, o mar, a montanha, ou qualquer outro. Para esses jogadores a quadra, a raia, o campo ou a pista são espaços adaptados, sem precisar ser milimetricamente definidos. Assim, não é uma instituição que dita a adequação do lugar, mas o próprio jogador que a estabelece. Essa liberdade em relação à escolha do cenário do jogo acentua a regionalidade, pois é no espaço físico que estão presentes várias características únicas.

Esse aspecto dos jogos tradicionais é comum aos esportes na natureza, sendo que, segundo Zimmermann e Saura ⁽²¹⁾, faz parte da própria estrutura desses esportes as instabilidades, incertezas e singularidades do espaço natural. Nesse sentido, conforme Krein ⁽⁷⁾, a vela é considerada um esporte na natureza, pois além de estar em um ambiente natural sua lógica tem como principal característica a relação do velejador com o vento e a água.

⁵ Neste artigo não é feita distinção entre jogos e esportes. Portanto, tanto a vela esportiva quanto os esportes tradicionais ora serão nomeados de jogo, ora de esporte, revelando que ambos possuem as características tanto de jogo quanto de esporte.

Durante a velejada, o velejador precisa estar em sintonia com a natureza. Matthews ⁽¹⁰⁾ comenta que a cada variação da onda e do vento é preciso se ajustar. Aprende-se a estar em harmonia com o entorno, se o vento está muito forte ou muito fraco não cabe ao velejador contestar, apenas adaptar-se às circunstâncias do tempo e da água. Na relação entre atleta e elementos da natureza se estabelece uma diferença do estilo de velejar, que varia de acordo com as condições geográficas que influenciam o vento e a água.

Velejar no vento forte é completamente diferente de velejar no vento fraco. No primeiro, é preciso ter uma postura enérgica. A intensidade do vento é sentida na tensão dos cabos que regulam as velas, regulá-las exige força. A velocidade do barco é maior, as manobras também são mais rápidas e é preciso ser ágil. Já no vento fraco, tudo é mais lento, a postura deve ser mais tranquila e os movimentos devem ser mais suaves, pois qualquer balanço desnecessário pode breçar o barco.

Também os formatos das ondas exigem diferentes movimentos do velejador. Velejar em uma água lisa, típica de áreas abrigadas como represas, baías e lagos exige uma determinada técnica. Enquanto velejar com ondas grandes, típicas de mar aberto, grandes rios e canais exige outra técnica. Para cada tipo de onda combinada com cada tipo de vento o posicionamento e o ritmo dos movimentos do velejador devem ser distintos.

Cada região possui suas características específicas que costumam variar de acordo com a direção do vento e a época do ano. É comum que os velejadores busquem aprimorar suas técnicas velejando em diferentes lugares. Entre os velejadores da represa Guarapiranga é frequente a ida ao canal de São Sebastião para treinos em condições de mar e a ida a outros muitos lugares do Brasil ao participar dos campeonatos de nível nacional.

Variar os treinos entre o mar e a represa é estratégico para melhorar a técnica em diferentes condições, mas também está relacionado com o prazer de descobrir novas águas. Em uma entrevista, a mãe de um velejador relatou que quando o filho participou pela primeira vez de uma regata no mar, ela lhe perguntou como havia sido a regata. Queria saber dos resultados, e o menino entusiasmado começou a descrever o tamanho das ondas, a distância da terra e a emoção de estar em alto mar. Diante da comoção de velejar pela primeira vez no mar, o resultado da regata perdeu importância e significado. Tal comoção está intimamente relacionada aos símbolos que o mar carrega e que intensificam o sublime da experiência de velejar. Como exposto por Ilundáin-Agurruza, Graça e Jáuregui-Olaiz ⁽⁶⁾ a imensidão do mar, o flerte com o perigo e as ondas evidentes dão graça e beleza à experiência de velejar.

Percebe-se que a natureza, além de propiciar um velejar objetivo em que se percorra determinado espaço, instaura uma relação estética ⁽⁴⁾ em que o devaneio e a contemplação fazem parte dos fascínios do esporte. Desse modo, o contato com a natureza potencializa o onírico e é a partir da matéria que se sonha e que se encanta ⁽¹⁾.

Nas regatas festivas⁶ realizadas na represa Guarapiranga, há uma preocupação por parte da organização em estabelecer um percurso agradável. Explora-se então a geografia da represa buscando nas ilhas, penínsulas e baías um potencial estético. Os velejadores reconheceram, nas entrevistas, esta preocupação recorrente e atestaram em depoimentos que gostam desse tipo de regatas por percorrerem espaços belos e inusitados, assim como já fizeram em alguns treinos quando decidiram ir para lugares mais afastados.

O olhar contemplativo e estético acompanha o prazer do descobrimento. Velejar revive a empolgação do olhar do viajante, do olhar primeiro, mesmo que aquele lugar já seja habitado, que não seja propriamente uma descoberta, mas que para o velejador naquele ato é uma descoberta, uma nova experiência. Parece se tratar de uma retomada do imaginário das grandes navegações de séculos passados, mais do que isso, parece se tratar de como o ser humano se relaciona com seu entorno estando dentro de um barco a vela rodeado por um ambiente incontrolável e sobretudo natural.

A REPETIÇÃO DA PRÁTICA

A vela esportiva agrega diferentes faixas etárias, nela os eventos e consequentemente os treinamentos são separados de acordo com o tipo de barco. Entre classes de barcos só existe restrição de idade no caso do Optimist. Sendo assim, na maioria das classes é comum ver crianças, adolescentes, adultos e idosos convivendo tanto no treinamento quanto no campeonato e na confraternização. Conforme o tempo passa, os velejadores continuam velejando, assim envelhecem e seguem fazendo parte do esporte. Trata-se de uma constante repetição da experiência em que a cada velejada busca-se ir além do que foi feito antes. Na vela, assim como nos jogos tradicionais, a repetição revela seu caráter tradicional. A tradição é um movimento de retomada do passado, como aponta Zimmermann⁽²⁰⁾, no qual as manifestações continuam existindo renovadas com o passar do tempo.

Entre os velejadores têm aqueles que estão na água quase todos os dias, aqueles que vão todos os finais de semana, aqueles que vão uma vez por mês, e ainda, aqueles que passam anos sem velejar, até que um dia retornam. O tempo de cada um varia e as possibilidades de frequência são inúmeras, assim como os motivos dessas variações. A justificativa para velejar (ou para não velejar) pode ser o calor, o frio, o vento, a falta de vento, os amigos, a família, o emprego, o desemprego, a escola, uma viagem, um campeonato, o desejo, a paixão, o sonho, as histórias ouvidas e as fantasias criadas. Os motivos, tão diversos, surgem dessa rica mistura entre meio cósmico, social e pulsões do velejador. Nesse cenário, em que o tempo velejado varia tanto de pessoa para pessoa, o que é comum é que um dia a experiência é retomada.

⁶ As regatas festivas na represa Guarapiranga costumam ser uma parceria entre o clube organizador e a Federação de Vela do Estado de São Paulo. Para participar delas basta se inscrever no evento, não precisa estar vinculado nem à federação estadual nem a confederação nacional, também não é preciso ter um tipo de barco específico. Nas regatas festivas são aceitos todos os tipos de veleiros e o caráter festivo é mais enfatizado do que o competitivo.

Não é considerado velejador aquele que navegou apenas uma vez. Para dominar a técnica da navegação à vela é preciso horas e horas no barco. É preciso aprender a velejar com vento vindo de frente, de trás e do lado, depois começa-se a perceber que para cada intensidade de vento o barco se comporta de uma forma e exige um tipo de movimento, assim como para cada tipo de onda o movimento do velejador também deve ser específico; e ainda, em diferentes tipos de barcos as percepções e movimentos também se alteram completamente. Assim, para saber velejar em qualquer tipo de vento, em qualquer tipo de onda e em qualquer tipo de barco pode-se levar uma vida toda. Ademais, somam-se as possibilidades de lugares para se velejar quando a vontade é explorar; e as possibilidades de situações de regata quando a vontade é competir. Há muitas descobertas a serem feitas para cada dia velejado.

O calendário baseado em campeonatos confere um ritmo cíclico na vida dos velejadores. Os campeonatos estaduais e os brasileiros acontecem todos os anos. Dependendo da disposição e dos objetivos, cada velejador se planeja para participar de campeonatos específicos e, ao término deste campeonato, há a certeza de que haverá um próximo campeonato em que a experiência poderá ser retomada. É uma experiência de tempo muito similar à das manifestações populares, segundo Saura^(16, p.31):

As manifestações imprimem um ritmo circular a uma vida que retorna sempre ao mesmo ponto – mais velhos, cansados, felizes ou tristes, mas um eterno retorno ao mesmo ponto demarcado pelas festas, bem ao contrário da linearidade objetiva que nos conduz, ano após ano, a um fim. [...] A repetição é, desta maneira, oportunidade de aprofundamento. Se a festa acontece anualmente, anualmente realizo o exercício promovido por ela, aprimorando necessidades internas.

Ano após ano existe a possibilidade de retomar a experiência do campeonato. Encontram-se os amigos, os conhecidos, os rivais. As regras continuam as mesmas. A rotina também: preparação do barco, concentração, alimentação, velejada tranquila até a raia, mais concentração, regata 1, descanso, regata 2, talvez regata 3, se não, volta para terra, desmonta o barco, encontro, conversa em dia, cerveja, refrigerante, suco, banho; dia seguinte a rotina se repete e assim vai até o último dia do campeonato, em que tudo se encerra com uma festa de entrega de prêmios. Por mais igual que seja a estrutura dos campeonatos e haja repetições, a experiência vivenciada é sempre nova. O velejador sempre se apresenta em sua atualidade, carregado de novos desejos e de uma nova condição corpórea – mais forte, mais fraco, mais treinado, menos treinado, mais velho. Assim como o velejador a cada dia já não é mais o mesmo, a água também não o é. As condições do vento e da onda variam tanto que cada campeonato corrido é completamente diferente de outro, mesmo que seja no mesmo lugar, com as mesmas pessoas.

Esta retomada da experiência e a adesão dos mais novos perpetua a prática da vela. Mesmo se tratando de atualizações, que muitas vezes carregam mudanças (como novos ventos, novas pessoas, novos de nós mesmos e novos equipamentos), é este movimento de retomada que permite que a vela continue viva e se consolide como tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter como fio condutor deste estudo os elementos da vela esportiva comuns aos jogos tradicionais permitiu um olhar ávido por semelhanças e nuances ao invés de generalista e dualista, frequente na polarização entre jogos tradicionais e esportes. Ao ter como horizonte uma experiência específica os elementos abordados tiveram uma riqueza descritiva que possibilita um aprofundamento nos fenômenos tanto da vela esportiva e jogos tradicionais, quanto do ensino, da relação do homem com a natureza e da repetição da prática. Estes fenômenos quando apresentados com vivacidade considerando seu emaranhado de possibilidades no tecido social nos permitem um olhar mais profundo sobre o mundo.

A escolha por colocar em evidência os elementos dos jogos tradicionais presentes na vela esportiva permitiu pensar nos dois fenômenos reconhecendo o caráter humano presente em ambas. Não há, portanto, intenção ou mesmo necessidade de hierarquizá-las, de modo a dar mais ou menos importância a uma ou a outra manifestação, nem mesmo trata os jogos tradicionais como primitivos ou menos complexos que os esportes.

A busca do caráter humano trouxe à tona indícios de uma universalidade. O fascínio pelo descobrimento, o medo, o acolhimento aos iniciantes, o fazer junto, a afeição à natureza, a busca pela profundidade e a retomada são pontos discutidos nesse artigo que não são específicos de uma determinada cultura, período histórico ou gênero. Trata-se de elementos pertencentes à todos os seres humanos, que surgem, ou não, em nossas vidas conforme traçamos nosso trajeto pelo mundo. Tal trajeto, segundo Durand ⁽³⁾, é fruto dos desejos imperativos do sujeito e das intimações da ambiência objetiva, de modo que foge à determinismos. Assim, este artigo explorou elementos de um modo de ser específico – dos velejadores esportivos da represa Guarapiranga – mas que se revelaram comuns à muitos outros modos de ser.

AGRADECIMENTO

Este trabalho teve o apoio de uma bolsa CAPES.

REFERÊNCIAS

1. Bachelard G (2002). *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes.
2. Bogdan RC, Biklen SK (1994). *Fundamentos da investigação qualitativa em educação: uma introdução*. Porto, Portugal: Porto Editora
3. Durand G (1997). *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
4. Fernandes R, Lacerda T (2010). Experiência estética do nadador. Um estudo a partir da perspectiva de atletas de natação de alto rendimento. *Rev Port Cienc Desporto* 10: 180-188
5. Ferreira-Santos M, Almeida R (2012). *Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética*. São Paulo, Brasil: Laços.
6. Ilundáin-Agurruza J, Graça ML, Jáuregui-Olaiz JA (2012). On the crest of the wave: The sublime, tempestuous, graceful, and existential facets of sailing. In: Goold P, editor. *Sailing. Philosophy for everyone. Catching the drift of why we sail*. Chichester: John Wiley, 109-121.
7. Krein KJ (2014). Nature sports. *Int J Phil Sport* 41(2): 193-208.
8. Marin EC, Stein F (2015). Espaços, tempos e sentidos dos jogos tradicionais no processo de transformações sociais no Rio Grande de Sul/ Brasil. In: Steins M, editor. *Jogos 20 Autóctones e Tradicionais de Povos da América Latina*. Curitiba: Editora CRV, 13-38.
9. Martins J, Dichtchekenian MFSFB (1984). *Temas fundamentais de fenomenologia*. São Paulo, Brasil: Moraes.
10. Matthews S. (2012). Sailing, flow, and fulfillment. In: Goold P, editor. *Sailing. Philosophy for everyone: catching the drift of why we sail*. Chichester: John Wiley, 96-108
11. Merleau-Ponty M (1980). De Mauss a Claude Lévi-Strauss. In: Chauí MS, editor. *Os Pensadores*. São Paulo, Brasil: Abril Cultural, 194-206
12. Morin E (2001). *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
13. Parlebás P (2001). *Juegos, deporte y sociedad. Léxico de Praxiología Motriz*. Barcelona: Paidotribo.
14. Rojo, LF (2010). *O campo na mar: fazendo observação participante na vela*. Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, Belém, Pará, Brasil.
15. Santos SSC, Hammerschmidt KSA (2012). A complexidade e a religião de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. *Rev Bras Enferm* 65(4): 561-565.
16. Saura SC (2013). Manifestações populares e práticas educativas, dentro e fora da escola. *Rev Bras Educ Fís Esporte* 27(7): 27-36.
17. Saura SC (2014). Sobre Bois e Bolas. In: Zimmermann AC, Saura SC (ed.). *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Laços. 165-188
18. UNESCO (2009). *International charter of traditional sports and games*, internal act UNESCO held by W. Lipońskiego.
19. Viana MS, Andrade A, Brandt R (2011). Iniciação esportiva de velejadores Brasileiros: um estudo qualitativo diagnóstico. *Rev Bras Ciênc Esporte* 33(2): 283-301.
20. Zimmermann AC (2014). O jogo: sobre o encontro e tradição. In: Zimmermann AC, Saura SC, editor. *Jogos Tradicionais*. São Paulo, Brasil: Laços, 151-164
21. Zimmermann AC, Saura CS (2016). Body, environment and adventure: experience and spatiality. *Int J Sport Ethics Phil* 11: 155-168.